

# OPINIÃO PÚBLICA

## Reflexões do tédio

"Se você sente tédio quando está sozinho é porque está em péssima companhia"  
(Jean Paul, estilista francês)



## Facebook tenta se reinventar



**Mark W. Datysgeld**

Especial para  
**OPINIÃO PÚBLICA**

Desde 2017, o CEO da Facebook, Mark Zuckerberg, falava cada vez mais a respeito de como a distribuição de postagens na plataforma não favorecia o tipo de interação que a empresa desejava, com foco excessivo em produtos, marcas e notícias. O Facebook passou de ser uma plataforma largamente voltada ao compartilhamento de momentos pessoais, animais de estimação, festas e eventos, e algum conteúdo político mais focado, para se tornar uma guerra de trincheiras na qual ideologias políticas vagas precisam ser defendidas de modo sistemático e contínuo. Mudanças foram anunciadas recentemente visando trazer a plataforma de volta a tempos mais pacíficos.

Não podemos, no entanto, pensar que a utilização do Facebook anteriormente não causava problemas aos usuários. Associações de psicologia mundo afora já reportavam à respeito de como a interação com essa plataforma social favorecia sentimentos de inveja e depressão devido às constantes comparações com a vida social alheia, além de promover um estresse derivado da necessidade constante da manutenção de uma aparência online e da consequente busca por parecer alguém interessante e relevante todo o tempo, algo quase impossível na vida real.

No entanto, o foco do problema mudou entre 2016 e 2017, em meio a uma intensificação global das disputas políticas dentro de vários temas, estimuladas pela busca de afirmação de poder por parte de diferentes atores, grupos e movimentos que tentam avançar seu domínio ideológico em relação à sociedade, sejam eles do alinhamento político que forem.

Isso gerou um crescente investimento no Facebook enquanto arena ideológica, fomentando o fenômeno das fake news, que nada mais são do que uma constatação por parte desses atores políticos de que não é necessário fazer uso de dados reais para gerar reações viscerais em seus seguidores, bastando engajar com seus medos e ansiedades. O custo da mentira é pequeno, pois as pessoas fazem qualquer negócio para evitar o sentimento humilhante de estarem erradas em público, então mesmo que uma notícia se prove falsa, sempre já existe uma nova a caminho, e a atenção migra para outro tema deixando apenas um rastro de destruição no caminho.

Isso foi visto como positivo pela Facebook. O foco da plataforma sempre foi fazer com que as pessoas a acessassem o máximo possível, passando o máximo de tempo dentro de seu jardim murado, tanto que empregam alguns dos melhores engenheiros de software do mundo para responder a essa pergunta

de como manter um usuário alguns segundos a mais que seja na plataforma, potencialmente o expondo a uma nova propaganda ou mantendo outra em constante exibição.

Dentro do campo dos games para celular já é há muito sabido que gerar certo grau de desconforto para o jogador faz com que ele gaste mais dinheiro com as micro-transações oferecidas, pois é gerada uma vontade de se livrar do incômodo apresentado ao mesmo tempo que se quer continuar dentro do jogo. O Facebook apenas replicou isso em uma escala muito maior. Deixe seus usuários incomodados, estressados, pensando em responder a aquela postagem de alinhamento ideológico contrário ao seu mesmo quando está desligado da plataforma. Patrocinadores pagam cada vez mais caro para anunciar na plataforma.

Mas por quanto tempo você pode realisticamente manter as pessoas nesse estado? Alguns continuariam, até por já terem transformado suas vidas para se encaixarem no entorno desses conflitos, preenchendo necessidades e insuficiências pessoais com batalhas ideológicas que pareçam relevantes. No entorno desses usuários, no entanto, existem outros cujo interesse é mais voltado à realidade cotidiana, por exemplo, acompanhar o que fazem os amigos, a que eventos vão, como estão seus filhos, entre outras coisas. Essas pessoas ficaram cansadas do constante conflito político e cada vez mais abandonam a plataforma ou limitam seu uso.

Zuckerberg anunciou que a mudança de foco da empresa em 2018 seria voltado ao bem-estar de seus usuários, buscando tirar a prioridade do conteúdo político e dar mais ênfase para "o que realmente importa", como família, animais de estimação, seriados, passeios e afins. Percebe-se o a seriedade da situação quando se lê mais à frente em sua postagem que o próprio CEO afirma que o lucro da Facebook vai cair como consequência da mudança, mas que lhe parece um movimento importante no longo prazo.

Inauguramos este ano com a promessa de uma nova era de paz dentro da maior rede social do mundo. Infelizmente, essa quietude vem com data de validade prevista, durando até o momento em que parecer lucrativo ao mercado reinserir a todos em um guerra ideológica global, quando a Facebook certamente não irá hesitar em mudar todo seu sistema novamente.

*(Mark W. Datysgeld é mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP), especialista nos temas da Governança da Internet e no impacto da tecnologia na formação de políticas públicas e privadas. É fundador do curso Governança Primer, iniciativa gratuita de ensino de Governança da Internet na América Latina. Toda sua produção está disponível em: www.markwd.website)*

## Benefícios do gás cloro para o saneamento básico

**Lucas Donato**

Especial para  
**OPINIÃO PÚBLICA**

Você sabia que, em pleno século 21, boa parte dos brasileiros ainda não tem acesso à água tratada? Segundo dados divulgados no ano passado pelo Instituto Trata Brasil, em parceria com a Consultoria GO Associados, 34 milhões de pessoas vivem no país sem acesso à rede de abastecimento. Ou seja, estamos diante de um quadro gravíssimo de falta de saneamento básico, o que colabora com a disseminação de doenças (como cólera, febre tifoide e hepatites A e E) e interfere diretamente no nosso Índice de Desenvolvimento Humano.

Mas o que pode ser feito para reverter esse cenário? Antes de tudo, é importante que iniciativas privadas e, principalmente, governos entendam que investir em saneamento custa bem menos que cuidar de um paciente internado. Já é de conhecimento que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cada dólar gasto com o saneamento básico representa uma economia de US\$ 4,3 com a saúde.

O passo seguinte é investir em soluções químicas eficazes, capazes de minimizar os níveis de contaminação da água e de contribuir com a qualidade de rios, lagos, represas e lençóis freáticos. Nesse sentido, empresas nacionais trabalham constantemente no desenvolvimento de sistemas e produtos altamente seguros, como o gás cloro, o meio mais eficaz e barato para prevenir doenças, eliminar parasitas, vírus, fungos e bactérias.

Indicado para o tratamento em estações e também em indústrias de



alimentos e bebidas, o gás cloro possui elevado poder biocida e oxidante, o que o torna capaz de penetrar nas membranas celulares, remover biofilmes e inativar os micro-organismos. Por isso, a cloração nas estações de tratamento responde a uma importante etapa do processo de potabilidade e, consequentemente, permite que a água seja consumida pela população e esteja de acordo com as exigências do Ministério da Saúde.

Trata-se da portaria 2.914, elaborada em 2011, e que dispõe sobre os procedimentos de controle e de vigilância da qualidade da água para consumo humano e o seu padrão de potabilidade. Essa portaria define parâmetros para uma série de características físico-químicas e biológicas da água, como a turbidez, os teores máximos de determinados metais, os teores máximos e mínimos de cloro, entre outras propriedades.

Além da eficiência no tratamento, o produto também é vantajoso por conta do custo-benefício. Vou exemplificar: 3 mil quilos de gás cloro podem tratar a água de uma cidade com 6 milhões de habitantes durante um dia ou a água de uma cidade com 200 mil habitantes durante um mês. Para realizar o mesmo trata-

mento com outros produtos, seriam necessários 4,6 mil quilos de hipoclorito de cálcio, 5 mil quilos de dióxido de cloro ou mais de 25 mil quilos de hipoclorito de sódio – esses cálculos são baseados no consumo médio per capita de 165 litros ao dia, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) e o Estudo Trata Brasil "Perdas de Água: Desafios ao Avanço do Saneamento Básico e à Escassez Hídrica – 2015".

Ao investir no gás cloro, no entanto, os governos e as empresas devem avaliar se o fornecedor disponibiliza uma equipe capacitada para oferecer todo o suporte e assistência técnica necessária. Além disso, é imprescindível que tenha os processos de envase, armazenagem e transporte dentro das normas que garantam a segurança e a qualidade, conforme a NBR 13295.

*(Lucas Donato é Supervisor Comercial da unidade de negócio Sabará Químicos e Ingredientes, pertencente ao Grupo Sabará, empresa que oferece ao mercado soluções integradas para o tratamento de águas industriais e saneamento básico, garantindo há mais de 60 anos o fornecimento de produtos, equipamentos e serviços)*

## Critério na definição de hub ports



**Milton Lourenço**

Especial para  
**OPINIÃO PÚBLICA**

No mercado mundial, as grandes empresas armadoras, para se tornarem mais competitivas, têm construído navios cargueiros cada vez maiores e formado joint ventures internacionais que permitem o transporte de cargas de um número cada vez maior de armadores. Essa é a tendência mundial para a qual o Brasil não está preparado, pois, em razão da deficiência de infraestrutura, não dispõe de muitos portos para receber esses navios.

Em função disso, muitos exportadores não têm acesso a linhas de navegação para determinadas regiões do planeta porque esses megacargueiros não conseguem chegar às regiões onde eles estão instalados. Para tanto, esses exportadores dependem de um transporte doméstico de grandes distâncias – por terra, por mar ou hidrovia –, o que acaba por encarecer demais o produto, deixando-o sem preço competitivo no mercado externo.

Na tentativa de superar essas deficiências, vários portos têm sido erigidos como hubs logísticos, sem que disponham de capacidade para tal. É o caso do porto de Santos, o maior da América Latina e responsável por 27% do comércio exterior brasileiro, que, se dispõe de acessos ferroviário, rodoviário e por cabotagem e está localizado em região próxima aos grandes mercados produtores e consumidores, enfrenta um grande obstáculo para se tornar concentrador



de cargas, pois o seu calado de 11,2 metros não permite a entrada de grandes navios transportadores de contêineres, com capacidade de 5 mil a 8 mil TEUs (twentyfeetor equivalent unit, ou seja, unidade de 20 pés), pois essas embarcações exigem profundidade de 15 a 16 metros.

A princípio, imaginou-se que um serviço de dragagem poderia levar o canal do estuário a uma profundidade de 15 metros, mas, depois de se gastar muitos milhões de reais, concluiu-se que o calado só poderia chegar a 12,4 metros. Apesar disso, um grupo de trabalho do Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil ainda discute uma proposta de privatização da gestão da dragagem do porto, que seria realizada por um consórcio formado por arrendatários, operadores portuários, terminais privados e, possivelmente, pela Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp).

Que existe a necessidade de serviços de desassoreamento dos canais de navegação e dos berços de atracação, não se questiona. O que se exige é que haja mais critério em sua

execução, pois, do contrário, continuará a haver o desperdício de recursos públicos e privados para a obtenção de resultados pífios.

É claro que o porto de Santos ainda será importante para a economia nacional por muitos anos, mas não reúne as condições necessárias para se tornar um hub port completo em razão de sua localização geográfica e incapacidade para receber grandes cargueiros, a não ser que seja construído um berço de atracação off shore (avançado no mar), o que exigiria investimentos incalculáveis. Em melhores condições como portos de águas profundas estão Sepetiba, no Rio de Janeiro, e o Porto Central, em Santa Catarina.

Portanto, é urgente definir quais serão os hub ports brasileiros – pelo menos um na região Sul-Sudeste e outro na região Norte-Nordeste. E a partir daí trabalhar com mais critério.

*(Milton Lourenço é diretor-presidente da Fiorde Logística Internacional, de São Paulo. E-mail: fiorde@fiorde.com.br Site: www.fiorde.com.br)*